

A MEDICINA NA MESOPOTÂMIA ANTIGA (1ª Parte)

J. MARTINS E SILVA

RESUMO

O presente trabalho resume os aspectos mais elucidativos sobre os fundamentos e a prática da medicina na Mesopotâmia Antiga, desde a invenção da escrita, há mais de 5000 mil anos, e o início da nossa era. A primeira parte do artigo inclui uma breve perspectiva sobre a evolução política e social que caracterizou aquelas civilizações arcaicas, a par das invenções e conhecimentos mais relevantes para a posterior história da Humanidade. A maior parte do que se conhece sobre o assunto, bem como sobre a história e vivência político-social daquela região em épocas remotas, resultou da decifração laboriosa de muitas centenas de pequenas placas de argila com textos gravados em escrita cuneiforme descobertas, a partir da segunda metade do século XIX, nas ruínas das principais cidades dos antigos impérios Babilónico e Assírio.

A segunda parte abrange exclusivamente as características da medicina Mesopotâmica nas suas facetas principais: conceito de doença, curadores e prática. A doença era considerada um castigo divino ou resultante de uma influência maligna. Nessa base, a medicina começava por ser preventiva, pelo uso de amuletos apropriados, oferendas ou sacrifícios apaziguadores daquelas forças malignas. Por seu lado, o tratamento da generalidade das doenças privilegiava a expulsão daqueles espíritos e influências malignas do corpo do doente, purificando-o, pela intervenção específica de um *āšhipu* (clérigo-exorcista); não havendo resultados, o tratamento era prosseguido pelo *asû* (curador prático) que recorria a um conjunto de manipulações físicas, actos cirúrgicos limitados e a administração ou aplicação de prescrições medicamentosas variadas, resultantes da mistura de substâncias orgânicas e inorgânicas. Em caso de insucesso, os doentes poderiam recorrer aos serviços de um sacerdote-adivinho (*bârû*) que, pelo exame das vísceras de um animal especialmente sacrificado para o efeito, daria uma explicação final. Aparte esta faceta mais esotérica, substanciada em crenças religiosas e na magia, a medicina Mesopotâmica incluía conhecimentos racionais, decerto resultantes da observação sistemática dos doentes e interpretação da sua sintomatologia. Através desses conhecimentos referidos à época da Suméria, cuidadosamente anotados, refinados e transmitidos às gerações seguintes, foi construído um valioso conjunto de textos que abrangem a sintomatologia, diagnóstico e prognóstico das doenças mais comuns, que podem ser actualmente identificáveis pela sua descrição interpretada.

J.M.S.: Professor Catedrático (Aposentado). Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa Lisboa

© 2009 CELOM

SUMMARY

MEDICINE IN ANCIENT MESOPOTAMIA

The present work summarizes the more elucidating aspects on the foundations and the practice of the medicine in Antique Mesopotamia, since the invention of the writing, more than 5000 thousand years ago, and the beginning of our era. The first part of the article includes a brief perspective about the political and social evolution that characterized those archaic civilizations, as well as the inventions and knowledge further used by the following Humanity's generations. Most of what is known on the subject, as well as the history and political-social events that occurred in the region during that remote epoch,

resulted of the laborious decoding of about half a million small clay plates or fragments with text engravings in cuneiform characters that were discovered since the middle of the XIX century in the ruins of the main cities of the Babylonian and Assyrian empires. The second part embraces exclusively the main characteristics of the medicine in Ancient Mesopotamia, in its main facets: concept of disease, healers and practice. The disease was considered a divine punishment or resultant from a malign influence. In that base, the medicine began by being preventive, by the use of appropriate amulets, or by offerings or sacrifices intending to pacify those malign forces. The treatment of the generality of the diseases privileged the expulsion of those spirits and malign influences from the patient body, purifying it, which was done by the specific intervention of an *āšhipu* (clergyman-exorcist); not having results, the treatment was continued by the *asû* (practical healer) that appealed to a group of physical manipulations, limited surgical acts and the administration or application of prescriptions, resultants of the mixture of organic and inorganic substances. In case of failing, the patients (as well as individuals or rein leaders) could fall back upon a priest diviner (*bārû*) who, by examination of the organs of an animal especially sacrificed for the effect, would give a final decision about the disease or the future. Separated this more occult facet, nourished in religious faiths and in the magic, the medicine of Ancient Mesopotamia included rational knowledge, certainly as the result of a systematic patients observation and semiotic interpretation. From those observations and knowledge referred to the Sumerian period, carefully logged, refined and transmitted to the following generations, a valuable collection of texts was built with the description of symptoms, signs, diagnosis and prognostic of the most common diseases, still identifiable in the present.

1– DA DESCOBERTA DA ESCRITA AOS PRIMEIROS TEXTOS MÉDICOS

INTRODUÇÃO

A invenção da escrita, em finais do quarto milénio a.C., acompanhou o desenvolvimento dos primitivos centros urbanos e o subsequente crescimento das tarefas administrativas, em particular as que se relacionavam com a actividade dos templos. Em consequência, as escolas de escribas estiveram, desde o seu início, associadas aos templos¹.

Os primeiros sistemas de escrita foram a cuneiforme da Suméria e a hieroglífica do Antigo Egipto, sendo os seus textos mais antigos conhecidos referidos ao princípio da Idade do Bronze, (cerca de 2600-2700 a.C.). A escrita cuneiforme começou por ser um registo de palavras, e depois, também, de sílabas e números. Os caracteres eram gravados com um estilete em cunha (de que resultou aquela designação) em pequenas placas de argila^a, cera^b ou esculpido em pedra²⁻⁴. O sistema continuou a ser adoptado por mais 2.000 anos, ainda que em progressivo declínio, pelos povos e culturas que, naquele período, ocuparam a Mesopotâmia^c (Figura 1),

a. A transcrição dos textos respeita a tradução e anotações dos autores referenciados, explicando-se assim alguma terminologia em desuso e a forma como são apresentados.

As placas de argila tinham formato rectangular (em média, mediam 17X30X60 mm), cantos arredondados e ambas as faces cuidadosamente polidas, com alguma convexidade. Em geral eram moldadas em argila fina, ainda que as provenientes das províncias contivessem também areia. As placas de Assur eram cobertas com uma camada fina de argila branca. No entanto, a cor das placas variava do amarelo claro ao negro, podendo apresentar algum brilho por exposição ao fogo. O texto podia ser redigido de ambos os lados, paralelamente ao lado mais curto (o mais comum) ou maior (relatórios), sendo assinado no fim pelo remetente. Como normas, todas as cartas começavam com saudações e bênçãos, invocadas aos deuses para o destinatário e familiares. Os relatórios não incluíam estas formalidades introdutórias. Mas, tal como as cartas, cada assunto era iniciado com algumas expressões estereotipadas. Quando o texto continuava no reverso, as placas eram viradas de cima para baixo². A correspondência entre indivíduos era redigida (paralelamente ao lado mais estreito) em pequenas placas de argila, depois guardada num envelope com dimensões um pouco maiores, também de argila muito fina, selado e autenticado com o selo do remetente. O envelope tinha também os nomes do remetente e do destinatário, em geral com uma curta saudação. Este procedimento era repetido no início da carta. Atendendo à fraca resistência dos envelopes, que se quebravam ao serem abertos, apenas foram encontrados alguns em cartas intactas por abrir. Porém, o facto de as cartas não incluírem data suscitou dificuldades e imprecisões na definição na respectiva sequência cronológica e no contexto histórico em que se inseriam³.

b. As placas de cera terão sido frequentemente utilizadas, em especial para anotações comuns que não se justificava conservar e, quando assim sucedia, decidiam fazer uma cópia em argila para a biblioteca.

c. Designação derivada do grego, que significava *região entre-os-rios*, Eufrates e Tigre. A região tem sido também conhecida por «Berço da Civilização».

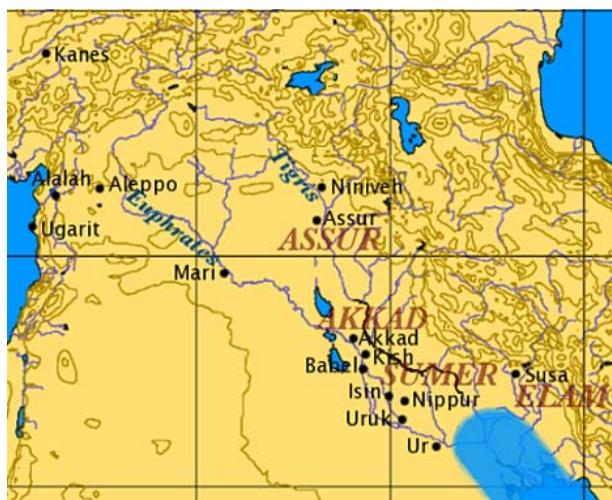


Fig. 1 – Mapa da Antiga Mesopotâmia
Cortesia: Wikimedia Commons

tendo o respectivo idioma deixado de ser falado a partir do início do segundo milénio a.C.³. Por seu lado, os hieróglifos egípcios (que representavam palavras, sons e determinantes do respectivo significado, sendo habitualmente registados em papiro ou madeira), continuaram a ser utilizados no Egito até finais do século IV d.C.¹.

A existência da Suméria manteve-se desconhecida até ao século XIX d.C.^{4,5}. Nas primeiras escavações arqueológicas realizadas entre 1842 e 1854 no norte da Mesopotâmia, no local onde existiram algumas das principais cidades da Império Assírio (como Nínive, Assur, Dur e Calah), foram descobertas mais de 100.000 placas de argila ou fragmentos com inscrições datadas do primeiro milénio a.C. Até cerca de 1965 havia sido recolhido mais de meio milhão de placas, na generalidade ainda por decifrar. A maioria daqueles textos está redigida em Arcádio, juntamente com outros em linguagem não-Semita, atribuída a uma outra civilização⁶. Porém, ao contrário do que o local da descoberta das placas redigidas em escrita cuneiforme poderia sugerir, veio a verificar-se que a Suméria existiu na parte meridional da Mesopotâmia, nas proximidades do Golfo Pérsico (Figura 2).

O facto de aquelas placas terem sido encontradas a norte da Mesopotâmia, resultou, em parte, das sucessivas guerras e invasões que devastaram a Mesopotâmia durante milénios, e do subsequente saque dos povos vencidos. Efec-



Fig. 2 – Placa de argila que representaria o Mapa do Mundo, referido ao último período da Babilónia (700-500 a.C.). Dimensões aproximadas: 12,2 cm de altura X 8,2 cm de largura. O mundo seria confinado num círculo, rodeado por um anel de água (o Rio Amargo). No interior é figurada o rio Eufrates (orientado decima para baixo), em cuja margem direita se localizaria a cidade de Babilónia (rectângulo). A parte mais inferior assinala o local em que Eufrates desagua em Shatt al-Arab, onde ocorre o encontro com o «Rio Amargo» (que seria o Oceano Índico). Os diversos círculos mais pequenos assinalariam cidades ou regiões. No exterior do grande círculo daquele «rio» observam-se outras marcas representativas de oito regiões exteriores (nagu) e o local do nascer e ocaço solar; e outros locais que seriam inhabitados. O reverso contém inscrições diversas sobre aquelas regiões, seus habitantes, distâncias relativas, anotações de campanhas guerreiras e relatos mitológicos, referentes a monstros de um mundo subterrâneo e a seres exóticos ou meio-humanos originários das águas primitivas antes da criação do mundo.
Cortesia: ©Trustees of the British Museum

tivamente, um dos últimos impérios que dominaram a Suméria foi o dos Assírios. Por outro lado, reflectirá a política cultural de um dos últimos reis Assírios (Assurbanipal ou Ashurbanipal II), que juntou na biblioteca do seu palácio, em Nínive, uma enorme colecção de textos antigos (Figura 3) da Mesopotâmia Antiga^d. Para o conseguir, enviou os

d. O sucesso das campanhas militares empreendidas por Assurbanipal logo nos primeiros anos do seu reinado, seguidos por um longo período da paz, terão criado condições para o seu interesse por uma política cultural inédita na época. Sendo, como era habitual, toda a actividade do reino dependente e centralizada no soberano, o que este apoiava tinha efectivo desenvolvimento, sucedendo o inverso quanto a outros assuntos ou sectores ignorados ou que lhe suscitassem menor atenção. As artes, a literatura e as ciências registaram grande renovação de interesse público e progresso, aliado a um apuramento mundano dos costumes. As inscrições registadas nos muitos milhares de fragmentos e placas descobertas nas ruínas da que foi a grande biblioteca do palácio real, excediam em quantidades as encontradas em todos os monumentos do Antigo Egipto. Naquele conjunto de peças, identificaram-se quase todo o leque de assuntos, designadamente: sobre comércio, arte, arquitectura, zoologia, botânica, geografia, astronomia, lei, ética, religião e literatura. Constatou-se que a maior parte das obras sobre religião e literatura provieram de Babilónia. O fausto social e cultural atingidos pela Assíria naquele período, tem sido comparado ao apogeu da Grécia Antiga com Péricles ou da Judeia com Salomão.

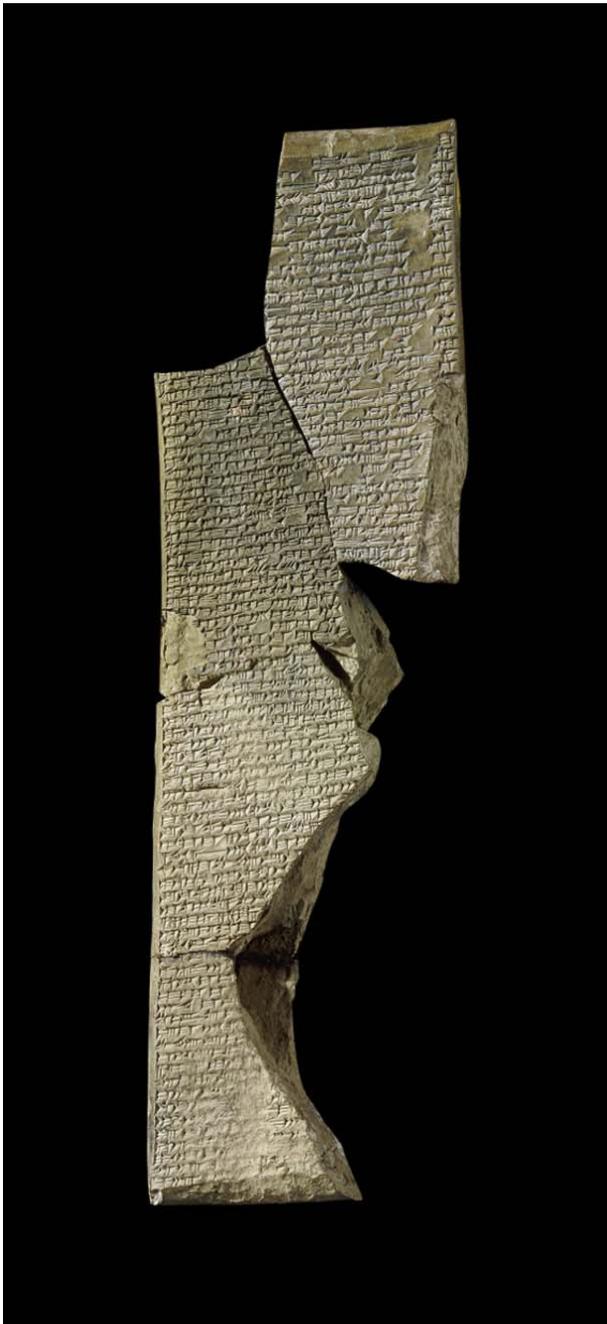


Fig. 3 – Uma das placas em formato estreito (cerca de 21cm de altura X 6,2 cm de largura X 2,5 cm de espessura), descoberta nas ruínas da Biblioteca de Assurbanipal em Ninive (século VII a.C.), que relata a lenda da criação do casal de deuses Apsu e Tiamat a partir das primeiras águas, e da sua luta com Marduk, que os venceu. Dos restos de Tiamat, Marduk teria criado o céu e a terra, e, do sangue de um gigante, criaria os humanos, destinados a servir os deuses. Cortesia: ©Trustees of the British Museum

seus escribas aos templos do sul da região com a incumbência de elaborarem cópias dos originais, a maior parte dos quais havia sido reunida nos arquivos da Babilónia em séculos anteriores⁷.

As inscrições fragmentadas e outros elementos entretanto trazidos à superfície em sucessivas expedições arqueológicas, promovidas até à primeira metade do século XX em diversos locais, incluindo as ruínas das principais cidades da Suméria e Arcádia (como as de Akkad, Ur, Uruk, Eresh, Eridu, Nippur, e outras), permitiram revelar uma parte relevante da história, até então ignorada, da Suméria e dos acontecimentos que se lhe seguiram em toda a Mesopotâmia nos três milénios seguintes^e. Veio a verificar-se que muitos dos conteúdos eram também cópias de documentos mais antigos que se reportavam aos primórdios da civilização. Data deste último período a *Épica de Gilgamesh*⁸, redigida em escrita cuneiforme sobre doze placas de pedra, em que são narradas as aventuras de Gilgamesh, rei de Uruk^f (Figura 4).

Adicionalmente, a maioria daqueles textos constituiu uma prova da importante influência cultural que a Suméria e, depois, a Babilónia, exerceram nos estados vizinhos, designadamente sobre um dos seus principais rivais, a Assíria. Aparte a arquitectura e a arte, em que os assírios legaram obras originais soberbas, praticamente todos os aspectos da cultura, crenças e costumes daquele povo assemelhavam-se aos da Babilónia⁴.

Outras importantes inovações tiveram origem nas diversas civilizações da Mesopotâmia Antiga. Merecem realce invenções importantes (como a roda, o arco e, aparentemente, as lentes de aumentar em cristal polido), noções rudimentares de zoologia e botânica local, medidas uniformes para peso e volume, um notável desenvolvimento da astronomia (apoiada num astrolábio) e da matemática (em que se destaca o sistema sexagesimal (de que resultou a

e. Até então, o pouco que se sabia provinha de textos da Bíblia. Nesses relatos é conhecido que Ur (cerca do 2º milénio a.C.), foi a cidade natal Abraão, patriarca comum a Judeus e Árabes. Aos 75 anos de idade, perseguido pelo monarca Nimrod, iniciou uma longa caminhada de desterro até Canaã (a **Terra Prometida**) para, a comando de Deus, ser o *pai de muitos países* (Genesis, 17:5).

f. O texto conta a viagem que Gilgamesh empreendeu até um sítio remoto, acompanhado pelo seu amigo Enkidu (semi-homem e semi-animal), o qual o ajudou a vencer inúmeros e difíceis obstáculos à procura do segredo da imortalidade. Este seria conhecido somente por um homem muito idoso que teria sobrevivido ao **Grande Dilúvio** descrito na Bíblia. O segredo estaria na ingestão de determinada planta, da qual Gilgamesh obteve algumas amostras. Porém, os intuitos do herói foram frustrados por uma serpente que, ao ingerir a planta enquanto o herói dormia, imediatamente mudou de pele e rejuvenesceu. Esta particularidade qualificou naquela época a serpente como símbolo do rejuvenescimento e da cura das doenças, o que parece explicar a sua utilização como símbolo médico. Faz ainda parte da história o *grande dilúvio* (descrito na sexta daquelas placas), que teria sido testemunhado por um homem de muita idade. Uruk era, na época a que se refere a história (cerca de 2700 anos a.C.), uma cidade da Suméria.

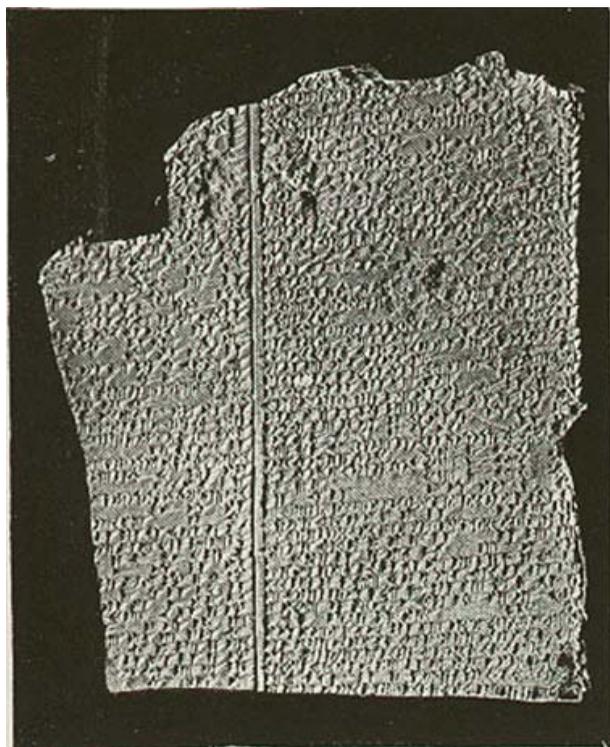


Fig. 4 – Placa do Grande Dilúvio, em argila redigida com caracteres cuneiformes. Cópia Assíria (cerca do século VII a.C.) descoberta em Ninive, com as seguintes dimensões: 15,2 cm de comprimento X 13,3 cm de largura X 3,1 cm de espessura). Esta placa, que integrava o documento literário **O Épico de Gilgamesh**, refere o encontro de Gilgamesh com um homem (Utnapishtim) de muita idade que sobrevivera ao dilúvio. Segue-se a história, na qual Utnapishtim contou como, avisado pelos deuses da vinda de um Grande Dilúvio, construiu um grande barco onde armazenara tudo o que lhe fora possível, nele permanecendo enquanto a humanidade era destruída. Desembarcara quando, após várias tentativas, uma pomba que enviara não havia regressado à barcaça. A história é virtualmente idêntica ao relato bíblico sobre Noé e o dilúvio.

Cortesia: ©Trustees of the British Museum.

divisão de cada hora em sessenta minutos), da astrologia (que viria a influenciar inicialmente a medicina Greco-Romana e Árabe, para adquirir uma participação esotérica nos milénios seguintes), e um sistema de justiça fundamentado num conjunto de leis entre as quais se encontra a primeira legislação reguladora da prática da medicina⁹.

Para uma melhor contextualização da vitalidade e desenvolvimentos culturais daquela época na região, é apresentado um breve resumo dos principais acontecimentos políticos e sociais ocorridos até à perda de independência dos antigos impérios da Mesopotâmia.

As civilizações iniciadas na Baixa Mesopotâmia – Há referências de que a região que viria a constituir a Suméria resultou de uma mescla de povos, uns de etnia imprecisa, que a habitavam desde o quinto milénio a.C., a que se

juntaram, progressivamente, os Semitas provenientes dos desertos vizinhos da Síria e Arábia e, após cerca de 3250 a.C., os Sumérios, vindos do nordeste da Mesopotâmia¹⁰. Os centros urbanos transformaram-se em cidades prósperas; a língua e a escrita cuneiforme consolidaram a intercomunicação entre a população e o reino desenvolveu-se poderoso e florescente até cerca de 2500 a.C., após o que começou o seu declínio, activado por disputas internas entre as principais cidades-estado¹¹.

Cerca de dois séculos mais tarde, o país foi presa fácil de invasores Semitas provenientes da fronteira norte da Suméria, os Acadianos. Estes fundiram-se com os residentes e, liderados por Sargão I, contribuíram para a revitalização económica e cultural da região. O modelo político-social então desenvolvido viria a consolidar a hegemonia Semita no poder, influenciando todas as governações que se lhe seguiram. Com Sargão foi formado o primeiro império da história, que abrangia o território original da Suméria e da Acádia e controlava a Mesopotâmia superior e a Síria. Porém, a estabilidade da civilização Sumero-Acadiana durou pouco mais de um século. Hordas de invasores Gútios, oriundos dos montes Zagro, a leste, atraídos pela prosperidade, riqueza e pela fertilidade do solo, saquearam e destruíram todo o território nos dois séculos seguintes.

Em finais do século XXII a.C. os povos locais conseguiram recuperar o controlo da governação, dando início a um século brilhante (que corresponde ao período da terceira dinastia de Ur) em que governantes proeminentes expandiram o território para norte (anexando a Assíria) e para noroeste, mantiveram os invasores à distância e o reino independente, de novo próspero. Foi o período mais relevante da literatura Suméria, o da difusão de escolas e academias pelo território, da definição de um código de leis^g (Figura 5) que antecedeu o de Hamurabi em cerca de três séculos, e em que cultura se expandiu para norte, ao longo do Eufrates¹².

Seguiu-se, do século XX ao XVIII a.C., um novo período de invasões e destruições pelos Amorreus (povo nómada de origem semita, proveniente do deserto a noroeste) e Elamitas (do império não-Semita, no sudoeste do Irão), com lutas constantes entre as cidades mais importantes que haviam conquistado. Cerca de 1760 a.C., Hamurabi, (também conhecido por Hamurapi), governante da cidade da Babilónia, alcançou o controlo único de todo o território da Suméria e Arcádia após derrotar os oponentes, possibilitando o florescimento de uma era de grande prosperidade e de pujante expansão cultural. A consolidação do domínio monárquico e centralizado por Hamurabi representou o ter-

g. Código de Ur-Namm.u



(A)



(B)



(C)

Fig. 5 (A) – A imagem retrata a placa de argila mais antiga que contém um código de leis, redigido cerca de 2100-2050 a.C. em língua Suméria, no reinado de Ur-Nammu, ou do seu filho Shulgi. A placa, muito fragmentada, apresenta o prefácio e as cinco primeiras leis. Em outras placas descobertas no mesmo local foram reconstituídas quase seis dezenas de leis, em que a cada crime correspondia determinado castigo.

Cortesia: «From Cave Paintings to the Internet Database», historyofscience.com

(B) Torre de Babel. Ur-Lammu uniu todos os povos do sul da Mesopotâmia sob o controlo de Ur. O império, fundado por aquele poderoso rei, chegou a incluir também o planalto iraniano. Entre as muitas obras construídas destacam-se templos construídos sob a forma de torres piramidais (em terraços sobrepostos progressivamente mais reduzidos, no cimo das quais havia um altar para determinada divindade), que foram disseminadas por todas as principais cidades, tornando-se um símbolo sagrado da Mesopotâmia. Uma das edificações mais famosas foi edificada em Babilónia, sendo referenciada por **Torre de Babel** no Antigo Testamento. (Imagem no domínio público)

(C) Carimbo cilíndrico em nefrite (cerca de 2100 a. C.) pertencente a um alto súbdito (Hashhamer) de Ur-Lammu. Na imagem, o rei (sentado) parece presentear Hashhamer (o 2º de pé, à esquerda, com a mão à frente da boca, em sinal de respeito), trazido à presença real por dois cortesãos. No lado direito da figura lê-se: Ur-Lammu, o valente herói, rei de Ur; Hashhamer, o governador de Ishkun-Sin, seu servo

Cortesia: ©Trustees of the British Museum

mo da civilização Sumero-Acadiana. Porém, muitas das realizações tecnológicas, valores culturais, organização social e económica da Suméria continuaram em vigor, embora com novos desenvolvimentos conceptuais e institucionais, e adaptações mais adequadas aos objectivos de vida dos novos governantes. É de notar que a escrita cuneiforme Suméria continuou a ser utilizada em todos os processos administrativos, económicos e legais¹³. Na realidade, o modelo político-social herdado de Sargão veio a atingir o seu apogeu com Hamurabi. Foi atribuída grande importância à justiça (fundamentada no conjunto de leis conhecido por Código de Hamurabi) e expandiram-se diversas linhas de pensamento intelectual e tecnológico, com destaque para a medicina, matemática, geometria, astronomia, mitologia e gramática, além de uma literatura própria^{h,12,13}. A eficácia e estabilidade daqueles princípios e práticas, que permaneceram quase imutáveis durante os quase 1.200 anos da civilização Babilónica, exerceram grande influência em outros povos da Antiguidade, em especial entre os Hebreus e Gregos, com repercussões ainda na civilização actual em diversos campos da ciência, das artes e da literatura^{9,12}.

Com Hamurabi e depois com os seus sucessores, o núcleo de origem do Império da Babilónia expandiu-se, de 1750 a 1595 a.C., a praticamente toda a Mesopotâmia. Todavia, a partir de finais do século XVII a.C., o território começou a ser invadido pelos Cassitas, tribo originária das montanhas Zagro. Progressivamente, o Império da Babilónia perdeu terreno e poder, tendo a situação piorado em 1595 a.C. quando invasores Hititas, provenientes da Anatólia, penetraram até à cidade da Babilónia, levando para cativo muitos dos seus habitantes. No rescaldo da desorganização daí resultante, os Cassitas instalaram-se no poder durante a segunda metade do século XVI a.C., possibilitando a recuperação de muito do prestígio e importância de Babilónia. Em princípios do século seguinte a Babilónia era novamente o núcleo de um império poderoso, comparável ao do Egípcio, do Mitiano (que abrangia o território actual da Síria e Curdistão) e do Hitita.

Seguiu-se um período obscuro de mais de sete séculos, durante os quais se multiplicaram as interferências e invasões por Assírios, Elamitas e Arameus (tribo Semita semi-nómada do noroeste da Mesopotâmia). Em 1157 a.C. os Cassitas foram depostos pelos Elamitas, os quais reduziram a Babilónia a uma situação de vassalagem. Alguns anos mais tarde, a irrupção de uma revolta restituiu a go-

vernação a outra dinastia Semita de que resultou, uma vez mais, a recuperação do antigo fausto cultural e religioso da Babilónia, em particular durante o reinado de Nabucodonosor I¹⁴. Sob a sua égide foi publicada *A Epopeia da Criação*, que consagra a liderança do Universo ao antigo deus da Babilónia, Marduk, considerado como o senhor da morte e também da ressurreição (Figura 3).

Com a constante invasão de nómadas, nos três primeiros séculos do primeiro milénio a.C., o Império da Babilónia ficou reduzido ao território meridional, perdendo capacidade de intervenção e poder político para uma Assíria militarmente pujante. Finalmente, cerca do século VII a.C., começam as infiltrações dos Caldeus. Esta tribo, natural do Golfo Pérsico, viria a dominar a região (depois conhecida por Caldeia) em pouco menos de um século; além de reconstruírem e revitalizarem Babilónia como a sua capital, repeliram os ataques dos Egípcios, contribuíram para a destruição do Império Assírio e alargaram o seu controlo político a quase toda a Mesopotâmia, chegando quase às montanhas Tauro, a norte, e ocupando os territórios a oeste, da Fenícia e Palestina (Figura 1).

Em 539 a.C., na sequência de mais um período de luta interna pelo poder, a Babilónia seria facilmente subjugada pelos Persas, liderados por Ciro, o qual já derrotara os Medos a norte da Mesopotâmia. Nos dois séculos seguintes o antigo Império da Babilónia permaneceu anexado como satrapia do novo Império Aqueménida. O Aramaico tornou-se o idioma preponderante, sendo o Acadiano reservado para circunstâncias culturais e eruditas, tal como antes sucedera com o primitivo Sumério¹⁵.

Após a derrota dos Persas por Alexandre, em 331 a.C., e a implantação da Era Selêucida, sobreveio um período de mais de dois séculos de prosperidade e de difusão da cultura Helenística. Este período cessou abruptamente em 144 a.C., com a chegada dos Partos (provenientes do nordeste da Pérsia) à Babilónia. A civilização que caracterizava Babilónia foi, então, completamente substituída por novos sistemas e valores, políticos e culturais.

O Império Assírio no norte da Mesopotâmia – Existem vestígios (referidos a cerca de 6500 anos a.C.) de primitivos agregados urbanos no território da Alta Mesopotâmia, junto ao rio Tigre, onde viria a constituir-se o núcleo do Império Assírio (Figura 1). À semelhança do que se verificara na Suméria¹⁰⁻¹², intensificou-se também a partir do terceiro milénio a infiltração de nómadas de origem Semita,

h. A essência dos conteúdos representativos da literatura tradicional era considerada sagrada. Além de se atribuir origem divina a muitos dos textos, estes também quando citados, e à semelhança do viria a acontecer com as Escrituras Hebraicas e Cristãs, eram precedidos de uma afirmação do tipo *Está escrito* ou *Foi dito*. Esta atitude justifica a influência que a tradição exercia na vivência e nos aspectos culturais mais diversos da população, a par do potencial condicionamento exercido sobre a sua criatividade.

com idioma e escrita cuneiforme muito semelhantes aos Babilónicos. O território Assírio foi colonizado e profundamente influenciado pela civilização Suméria e Sumero-Acadiana até à derrocada desta, cerca do segundo milénio a.C., quando quase toda a Mesopotâmia foi conquistada pelos Amorreus. A instabilidade subsequente na região possibilitou que a Assíria se organizasse, em finais do século XIX a.C., no que seria o Primeiro Império Assírio cujo poder económico, militar e político se estendia das montanhas Zagro (a leste) ao Mediterrâneo (a oeste) e, a norte, chegava à Anatólia Central¹².

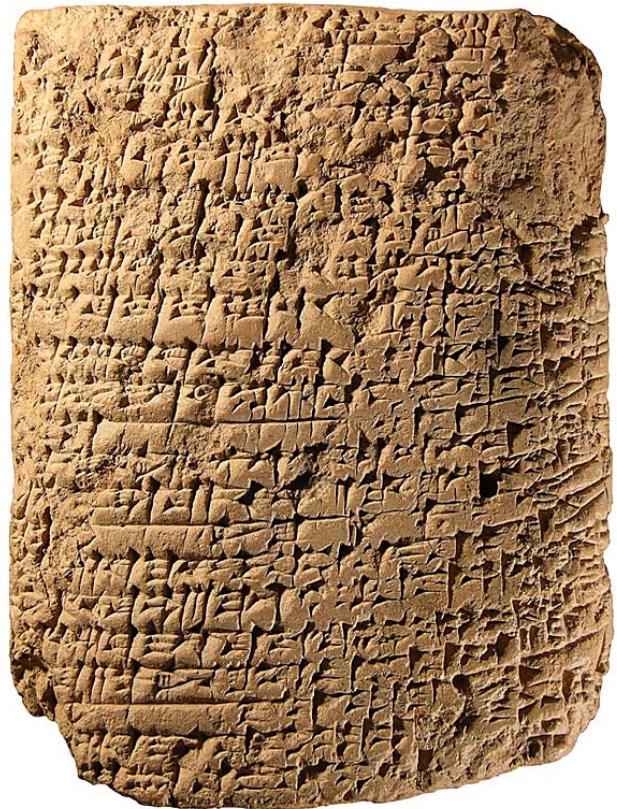
Com a ascensão de Hamurabi ao poder, a Assíria foi derrotada (cerca de 1760 a.C.) e absorvida pelo Primeiro Império da Babilónia. O colapso deste a partir do século XVI, após sucessivas invasões por povos não-Semitas, apenas originou alterações de dependência sob novos conquistadores nos dois séculos seguintes.

Aproximadamente em 1360 a.C. a Assíria recuperou a independência, ao derrotar os Mitanianos, após o que foi adquirindo crescente poder económico e militar, sujeitando os territórios vizinhos a continuadas razias destruidoras. A constante ameaça de novos invasores, a partir do século XII a.C., designadamente os Amorreus vindos do oeste, os Frígios a noroeste (indo-europeus provenientes da Anatólia) e os Caldeus, a sul, asfixiou o desenvolvimento da Assíria nos dois séculos seguintes. Entretanto, o país transformara-se numa grande potência militar ofensiva protagonizada por guerreiros inclementes. A partir do século X começa a construção de um grande império, que alargaria progressivamente os seus domínios em todas as direcções nos quatro séculos seguintes. Com Sargão I (finais do século VIII) o Império Assírio atingiu o seu apogeu militar, político, económico e cultural^{14,16}, dominando um vastíssimo território que, a norte, se estendia das montanhas Tauro até ao Egipto (a sul) e, de oeste para leste, abrangia a ilha de Creta, toda a costa oriental do Mediterrâneo (Síria, Fenícia, Israel e Filisteia), toda a Mesopotâmia e a parte ocidental da Média e do Elão. Entre outras conquistas destaca-se a subjugação do reino da Babilónia, em 689 a.C., cuja cidade foi arrasada e inundada.

Após a morte de Assurbanipal II, em 667 a.C., o Império Assírio desmembrou-se rapidamente, invadido pelos Medos e pelos Caldeus da Babilónia, extinguindo-se em finais do século VI, agora sob domínio do renascido Império da Babilónia. Cerca de um século depois, toda a Mesopotâmia anexada foi organizada administrativamente em duas satrapias persas (centradas em Babilónia e Assur) do Império Aqueménida, fundado por Ciro.

Textos médicos – Grande parte do que se conhece actualmente sobre a medicina e outros aspectos sanitários e

sociais da Mesopotâmia Antiga foi decifrado nos caracteres cuneiformes de dezenas de milhar de fragmentos e placas de argila (Figura 6) descobertos durante as sucessivas escavações arqueológicas realizadas, a partir de metade do século XIX, nos vestígios das antigas cidades Assírias^{17,18}.



MS 2670
Diagnoses of medical conditions with prognoses of the outcome.
Babylonia, ca. 1900-1700 BC

Fig. 6 – Placa em argila da Antiga Babilónia (cerca de 1900-1700 a.C.) em que estão inscritos, em caracteres cuneiformes, diagnósticos de diversas situações médicas e respectivos prognósticos.

Cortesia: The Schoyen Collection MS 2670

O texto mais antigo (datado de 2200 a 2100 a.C., no final da dinastia fundada por Sargão), achado em Nippur e escrito em língua Sumero-Acadiana, contém prescrições para sintomas específicos e menciona as técnicas fundamentais para tratamento de feridas (incluindo lavagem e aplicação de ligaduras e ou gessos). As prescrições estavam organizadas em três classes, consoante os remédios aplicados. Todavia, a maioria das placas ou fragmentos (cerca de 800)ⁱ que mencionam as práticas médicas daquela época, foi descoberta em Nínive, nas ruínas da biblioteca de Assurbanipal II, destruída pelo fogo durante as invasões da Assíria pelos Medos e Caldeus, em 612 a.C., entre cerca de outras duas dezenas de milhar contendo obras da literatura e documentação diversa da Mesopo-

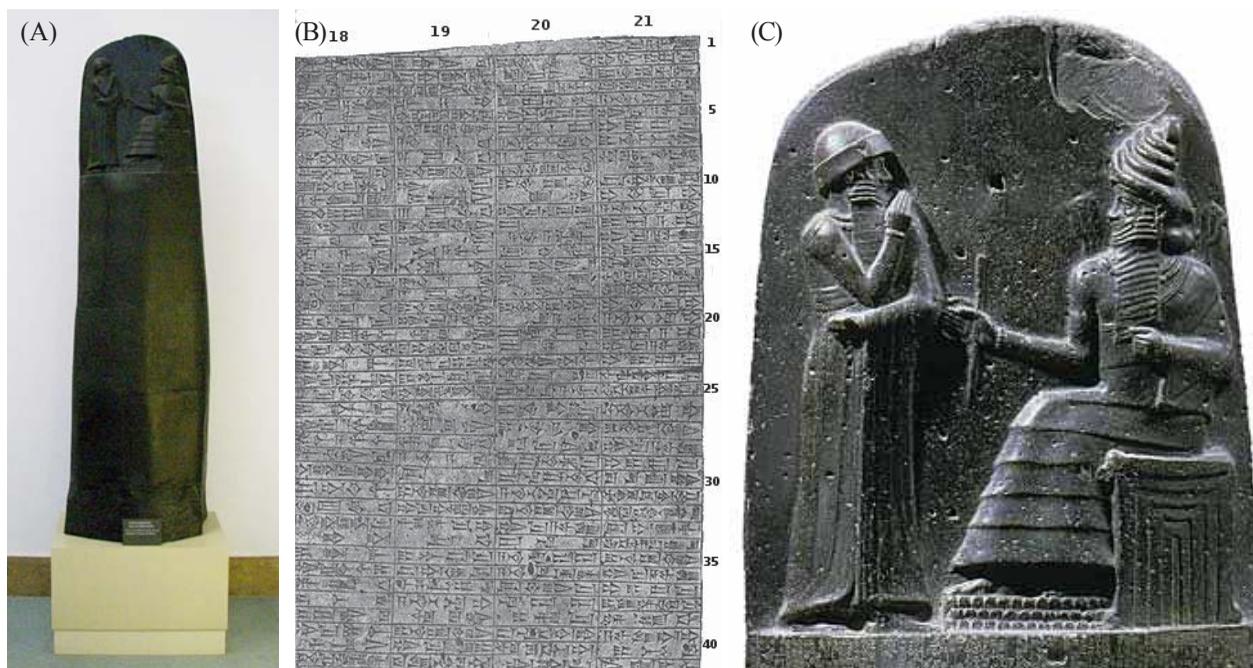


Fig. 7 – Código legal de Hamurabi, representativo de uma civilização que atingiu o apogeu no 18^o século a. C. (A) Perspectiva geral do monumento original, constituído por estela de basalto negro (datado da Antiga Babilónia, cerca de 1760 a.C.) com cerca de 2,25m de altura e 0,65 m de largura. A estela terá sido originalmente erigida em Sippar (cidade da divindade da justiça, o deus-sol Shamash), nos últimos anos do reinado de Hamurabi, sendo sucessivamente replicada em outras cidades do Império da Babilónia. A peça foi descoberta na acrópole de Susa (no Elão, actual território a sul do Irão), para onde foi transportada como despojo (no século XII a. C.) por um príncipe local. O monumento apresenta no topo um baixo-relevo e está coberta na restante superfície com o texto, redigido em Acadiano, com caracteres cuneiformes. (B) O texto engloba três partes: (i) prólogo histórico, em que é destacada a investidura e benefícios do reinado de Hamurabi; (ii) parte legal, contida em cerca de trezentos artigos, entre leis e decisões relativas a direito civil e criminal; (iii) epílogo, que resume o texto legal e antecipa a sua perenidade (C) Ampliação do baixo -relevo do topo da estela, em que é representada a investidura de Hamurabi (à esquerda, com a mão direita levantada à altura da boca, em sinal de respeito) por Shamash, o qual segura o símbolo de bastão e anel.

Cortesia: Wikimedia Commons

tâmia^{19,20}. Aquelas placas e fragmentos com referências à prática médica, posteriormente reunidos sob o título de Textos Médicos Assírios^{21,22}, datam do início do primeiro milénio a cerca de 612 a.C., embora representem de cópias de originais e contextos de origem Sumero-Acadiana e Babilónica que remontam ao século XXV a.C. O seu conteúdo abrange diversas patologias, designadamente doenças torácicas, intestinais e das vias urinárias, as quais eram tratadas com uma variada gama de processos e de substâncias à base de plantas e preparados minerais. As restantes placas foram desveladas em diferentes locais, designadamente em Assur, Hatusa (antiga capital dos Hititas na Anatólia) e em Ur (antiga capital da Suméria). As placas desta última origem pertencem ao período da ter-

ceira dinastia de Ur (cerca de 2080-1950 a.C.), enquanto as identificadas em Hatusa são cópias de anteriores documentos Babilónicos do século XVI a.C., que decerto fizeram parte do espólio levado pelos Hititas depois da destruição da cidade da Babilónia. A placa mais recente (séculos VI a IV a.C.) foi descoberta em Uruk. Na generalidade, o conteúdo, organização documental e, ainda, a verbalização do conjunto de textos descobertos segue um padrão constante, independentemente da data a que são referidos: descrição de cada doença e série de remédios indicados^j, frequentemente misturados com rituais mágicos e adivinhações¹⁹. Esta uniformidade sugere que os conhecimentos mencionados foram cuidadosamente copiados por escribas, até à segunda metade do primeiro

i. Tem havido grande dificuldade em afirmar um número exacto de textos médicos descobertos, pois consistem numa mistura de três tipos: (a) presságios relativos a sintomatologia anormal e patológica, (b) textos médicos com rituais mágicos e (c) prescrições médicas quase desprovidas de encantamentos ou outros rituais (http://www.uic.edu/classes/osci/osci590/11_1OldestPrescription.htm). Todos os textos da antiga biblioteca de Nínive provieram dos templos da Antiga Babilónia, embora, como era então costume, pudessem incluir conhecimentos da época em que a compilação foi executada.

j. Cabia aos médicos seleccionar o remédio ou remédios que, em sua opinião, fosse(m) mais indicado(s) para cada situação ou que utilizariam sucessivamente na expectativa de obterem o efeito desejado.

milénio, a partir de textos e tradições muito anteriores ainda que expressando duas correntes práticas, a terapêutica e a diagnóstica¹⁷.

Uma outra fonte de informação importante foi o Código de Hamurabi, redigido não em placas de argila mas numa estela de basalto negro (Figura 7) descoberta em escavações realizadas em Susa, antiga capital do Elão (Figura 1). Entre as 282 leis que representavam o código de justiça implantado por Hamurabi na Babilónia – e também o primeiro código sobre direitos humanos jamais conhecido – incluíam-se nove normas (expressas mais adiante neste texto) que regulavam a prática médica no Império, depois adoptadas por outras comunidades.

O documento começa por afirmar que as normas escritas teriam sido transmitidas pelo deus Marduk a Hamurabi, para este as executar²³:

«When Marduk sent me to rule over men, to give the protection of right to the land, I did right and righteousness in . . . , and brought about the well-being of the oppressed.»

Foram identificados dois grandes tipos de textos médicos, uns em que os procedimentos médicos prevalecem sobre os rituais mágicos, enquanto nos outros (parece que os mais antigos) os encantamentos^k são predominantes. Estes últimos, conhecidos por textos terapêuticos ou práticos (*asûtu*), combinavam frequentemente uma prescrição terapêutica com interpretações mágicas de pecados, indicação de presságios ou encantamentos específicos para a etiologia de cada situação ou doença^{24,25}. Num exemplo deste tipo de textos são indicados procedimentos de natureza mágica para tratamento de dores musculares ou reumatismais dos pés ou membros inferiores. A formação de um círculo de água delimitado por grão e a utilização de uma substância repugnante visariam afastar do doente a causa demoníaca da doença, ainda que, na verdade, a mistura de grão em água onde aquele deveria colocar os pés e sentar-se pudesse aliviá-lo das dores²⁶:

«Encircle water, taken from the Euphrates with flour of rotten grain, place [within] the circle a Sha-Shur reed. Take a measure of grain, place it on the Sha-Shur reed and let the sick man sit [on it]. Fill a Ka measure with rotten grain and put it on the Sha-Shur reed and place the foot of the sick man on it, and cover the foot with putrid dough made of the rotten grain.»

Por seu lado, os textos diagnósticos (também descri-

tos por *científicos* ou *tratados*) apresentavam séries de assuntos relacionados, abrangendo o diagnóstico e, quase sempre também, o prognóstico de várias doenças, embora sem incluir as respectivas prescrições terapêuticas. Ao contrário dos textos *terapêuticos*, que separavam os textos mágico-médicos dos racional-terapêuticos, os textos diagnósticos misturavam pensamento racional com superstições tradicionais²⁷. Na generalidade, cada série é iniciado por Quando . . . ou Se Na tradução de uma das placas (Figura 6) referidas a Babilónia, cerca de 1900-1700 a.C., pode apreciar-se um conjunto de diagnósticos e prognósticos, em que também são incluídas explicações sobrenaturais²⁸:

«If a man's epigastrium is loose, he is in a critical state; If a man's eyelids thicken and his eyes shed tears, it is a blast of the wind; If a sick man is relaxed during the day, but from dusk he is sick for the night, it is an attack of a ghost.»

Em outra placa, que refere também uma afecção gástrica, é prescrita uma mistura de plantas e raízes feita pelo médico, a ser administrada ao doente de manhã e à noite, em jejum ou antes das refeições. Na sequência, o texto não dispensa alguns procedimentos mágicos (aqui não explicitados)²⁹:

«If a man is sick of a cold, which has turned into stomach pains, let him compound pestilence root, liquorice root, Tar-mush' plant [feijão?], Shi-lim [joio] Shi-man, Tu-me and tongue plants – these seven drugs placed in wine let him drink, as the star rises [i.e., à noite] and in the morning without food and he will recover.»

O mais celebrizado deste tipo de conjuntos de placas, conhecido por Manual de Diagnósticos e Prognósticos, consiste em 40 placas^l que remontam ao século XII a.C.^{18,27}. O manual foi editado por Eagil-k n-apli, que era o principal *ummânu*^m do rei Adad-apla-iddina (1068-1047 A.C), no período da dinastia Cassita da Babilónia³⁰. Na realidade, os textos abrangem conhecimentos de época muito anterior, contudo apresentados de modo mais organizado. Por conseguinte, parece terem existido dois manuais de diagnósticos, sendo o segundo a versão mais refinada do anterior²⁷.

A descoberta desta nova documentação – que agrupa seis capítulos desiguais, num total de cerca de 3.000 registos – permitiu uma visão mais concreta e avançada das

k. Um *encantamento* consistia em feitiços e ou proferição de palavras mágicas nos exorcismos.

l. O facto de serem 40 placas e não qualquer outra quantidade foi atribuído à tradição de associar os deuses a números. As placas teriam sido transmitidas à Humanidade pela divindade *Ea* (criadora da água e do homem), simbolizada pelo número 40.

m. A designação *ummânu* poderia significar artesão, escriba, perito, conselheiro, exorcista, adivinho, professor ou académico. No caso em referência tratava-se de uma alta entidade da corte, com funções de exorcista e conselheiro privado do rei.

características da medicina da Mesopotâmia Antiga, não só pela organização dos assuntos apresentados e informação a recolher do doente (da cabeça para os pés – *i tu um i adi pi* – como seria apanágio de todos os tratados médicos até quase à Idade Contemporânea) e, ainda, pela sua diferenciação em especialidades, como a pediatria e a ginecologia. No seu conjunto, diferencia-se dos textos divinatóriosⁿ por revelar uma base empírica de conhecimentos e organização sistemática²⁷.

As duas primeiras placas (com o título de *quando o exorcista vai a casa de uma pessoa doente*) não continham matéria médica e indicavam, somente, sinais e presságios relativos ao ambiente e residência do doente, a serem tidos em conta pelo curador. Por exemplo, se o exorcista encontrasse um porco multicolor no trajecto para a casa do doente significava que este sofria de edema, pelo que seria perigoso aproximar-se-lhe. Igualmente, antes de contactar o doente, o exorcista deveria proteger-se com uma prece³¹:

«*If in your approach to the sick man (you have not yet done so) until you have cast an incantation on yourself, do not approach him in order to cure him.*»

O segundo capítulo (intitulado *quando você se aproxima de uma pessoa doente*) incluía doze placas (III-XIV) com mais de 1.000 registos sobre sintomatologia relacionada com as diversas partes e órgãos do corpo. Cada placa tratava de uma área do corpo, do topo do crânio aos calcanhares. O facto de serem utilizadas sete placas para assuntos sobre a cabeça e cinco para o resto do corpo (respeitante apenas ao homem, sendo omissos os das mulheres) destaca a grande importância em que eram tidas a sintomatologia e doenças da cabeça. Por outro lado a sintomatologia estava organizada do geral para o específico e, no caso de sectores existentes aos pares, primeiro era observado o lado direito e depois o esquerdo. O mesmo se aplicava à coloração, que seguia uma sequência própria: vermelho e castanho, amarelo e verde, preto e branco. Determinados sintomas e sinais eram prioritariamente mencionados, tais como: *edema, colapso, agitação, prostração*.

O terceiro capítulo (designado *se ele está doente durante um dia e...*) descrevia em dez placas a sintomatologia, temperatura, dieta, o dia exacto em que a doença se manifestara, sintomas registados, progressão da doença

ao longo tempo (dias ou meses) e o respectivo prognóstico, por exemplo³²:

«*If, having been ill four days, he keeps putting his hand on his belly and his face is overcast with yellow, he will die.*»

Também pressagiavam uma evolução auspiciosa ou menos boa, conforme a sintomatologia afectava mais o lado direito (favorável) ou esquerdo (desfavorável) do corpo, como no seguinte exemplo³³:

«*If the right ear of a man buzzes all the time, he will live – If his left ear buzzes all the time, his disease will last long.*»

Este simbolismo poderia não ser interpretado de modo constante. Assim, na mesma placa, e com idênticos sintomas, é emitido um prognóstico contrário: *hardship will seize him* (para a orelha direita) e *he will see profit* (para a orelha esquerda). Também nos presságios concluídos por adivinhação^o, se um corvo, p.ex, por si um sinal aziago, estivesse à direita era um mau sinal, mas seria benéfico quando à esquerda. Isto explicava-se por uma norma aritmética, em que a multiplicação de dois sinais negativos ou positivos dá positivo (que seria favorável), enquanto um negativo por um positivo é negativo (desfavorável). Porém, esta particularidade divinatória aplicava-se raramente ao diagnóstico: se um sinal negativo fosse observado à direita, e o mesmo existisse à esquerda continuaria a ser muito desfavorável³⁴:

«*If he is sit on the right side of his back and is restless: Hand of his city-god, in the last watch of the night he was hit, he will die.*»

«*If he is sit on the left side of his back and is restless: Hand of his personal-god, in the middle watch of the night he was hit, he will die.*»

«*If on the right side of his belly a staff is placed and he vomits: Hand of the goddess I tar, he will die.*»

«*If on the left side of his belly a staff is placed and he vomits: Hand of the goddess I tar, he will die.*»

Quanto à coloração, o vermelho e amarelo não influenciavam o prognóstico, ao contrário do preto, que era muito desfavorável (morte) e do branco (auspicioso):

«*If his testicles are red, he will get well... If his testicles are black he will die.*»³⁵

«*If his forehead is white (and) the tongue is (also)*

n. As «ciências mágicas e divinatórias» e, por consequência, também os intervenientes que exerciam a adivinhação, magia e astrologia, eram tidos com grande respeito pela população da Antiga Mesopotâmia. Na base desta atitude estava a crença de que aqueles procedimentos haviam sido determinados pelos deuses ou por personagens míticas detentoras de sabedoria inimaginável².

o. A adivinhação, bem como os encantamentos, faziam parte do ritual médico. Porém, enquanto o encantamento era utilizado para uma situação já existente, como processo curativo, de modo a expulsar os espíritos malignos do doente, as práticas divinatórias eram uma espécie de medicina preventiva, em que se procurava antever o futuro, possibilitando a cada indivíduo preparar-se contra um mal pré-determinado.

*white, his illness will last long (but) he will recover.»*³⁶

A cor evidenciada por algumas lesões, bem como o seu prognóstico, em especial quando incluíam vesículas na face, era atribuída à Mão de uma divindade específica³⁷:

*«If his face is covered with red boils, Hand of the god Sin; he will recover.»*³⁷

O quarto capítulo abrangia especificamente a epilepsia em dez placas. Era dado grande relevo à sintomatologia, idade do doente (no caso de se registar em recém-nascidos incorria na sua morte, mas se a doença fosse diagnosticada posteriormente, as crianças já eram tratadas).

O quinto capítulo, com seis placas, abordava doenças específicas. A designação das doenças era relacionada com a sua natureza e com a divindade que as provocaria. Os acidentes vasculares cerebrais mereciam particular atenção, sendo apresentados com várias definições (como no exemplo seguinte), ainda que a doença fosse atribuída à mesma divindade (*Hand of Stroke*)³⁸:

«If his face is pinched, his trunk is without feeling, his left hand is hanging down so that he cannot raise it, he drags his feet: Hand of Stroke; his days will be long, he will not fare well.»

O último capítulo, (intitulado *se uma mulher em idade fértil está grávida*) abrangia situações obstétricas, doenças das mulheres e previsões sobre o sexo e estado futuro do feto.

Da interpretação cuidadosa dos textos diagnósticos foi possível concluir que, além das doenças serem classificadas e descritas, o respectivo diagnóstico fundamentava-se na observação do doente, sendo o processo completado pelo prognóstico e por prescrições terapêuticas, algumas das quais ainda aceitáveis presentemente. Por exemplo, no texto seguinte referente a uma epigastralgia é indicada uma posição que possibilita o relaxamento muscular da parede abdominal. A água fria sobre a cabeça visará também o alívio da sintomatologia³⁹:

«If ..., let him kneel on his feet and let cold water flow over his head and he will recover.»

Um outro texto recorre a três processos: fisioterapia (massagens sobre a zona dolorosa), psicoterapia (conven-

cer o doente de que melhora com as massagens e quando cerra os dentes), a que se associa a activação (ainda que drasticamente) da circulação sanguínea³⁶:

«If ..., place his head downwards and his feet up, strike his cheek forcibly, rub him violently, say to his stomach Be good; with the left thumb manipulate his buttocks fourteen times, manipulate his head fourteen times, and roll him on the ground.»

Numa outra série de placas (que terão pertencido a um oficial Assírio do século VII a.C., para seu uso pessoal) são indicados vários tratamentos para cefaleias e febre. O remédio para as cefaleias consistia numa mistura de substâncias, algumas irritantes (p.ex., gordura, ácidos e bases) a serem aplicadas com uma ligadura (que poderia ser de várias cores) que comprimia a cabeça durante alguns dias⁴⁰:

«If a fever seizes a man, localized in the nerves of the forehead, and it affects his eyes, so that his vision is clouded . . . and he is afflicted with an acute inflammation, and his eyes water, pound one-third of a Ka [medida] of powdered sikhlu [espécie de erva] with Khaldappan stone, take one-third of a measure of it for the head that pains; knead with cassia juice, wrap it around [the head], attach it [by means of a bandage], and for three days do not remove.»

Numa outra passagem final é mencionado um adjuvante mágico^p para o alívio das cefaleias (porque se acreditava estarem relacionadas com o demónio Ti'o)⁴¹:

«If a man's forehead is affected and the demon in the man's body cries out and does not depart, is not restrained through bandage or incantation (that is, if all remedies fail), then slaughter a captured Kurkū bird, squeeze out its blood, take its . . . , its fat and the skin of its crop (?), burn it in the fire, mix cedar with the blood, and pronounce the incantation 'evil finger of man' three times . . . »

O texto médico mais recente, referido ao século VI a IV a.C. apresenta em trinta e duas linhas uma nova formulação, na qual uma série de doenças é apresentada em relação com os quatro órgãos em que terão origem (coração, pulmões, estômago e rins). A placa pertenceu a Rm t-Ani, membro de uma família de afamados escribas de Uruk⁴².

p. É de notar que a aplicação de sangue (ou óleo) em várias partes do corpo, em particular na cabeça dos crentes, assim como a destruição pelo fogo dos despojos de animais sacrificados, influenciou claramente alguns dos rituais Hebraicos mencionados no Levítico (Cap 16): *14 And he shall take of the blood of the bullock, and sprinkle it with his finger upon the ark-cover on the east; and before the ark-cover shall he sprinkle of the blood with his finger seven times. 15 Then shall he kill the goat of the sin-offering that is for the people and bring his blood within the veil, and do with his blood as he did with the blood of the bullock, and sprinkle it upon the ark-cover; and before the ark-cover. 19 And he shall sprinkle of the blood upon it with his finger seven times, and cleanse it, and hallow it from the uncleannesses of the children of Israel. 27 And the bullock of the sin-offering, and the goat of the sin-offering, whose blood was brought in to make atonement in the holy place, shall be carried forth without the camp; and they shall burn in the fire their skins, and their flesh, and their dung.* (<http://www.mechon-mamre.org/p/pt/pt0316.htm>)

Por via das descobertas anteriormente citadas constatou-se que a realidade da medicina na Mesopotâmia Antiga nada tinha de semelhante com o relato de Heródoto, historiador Grego do século V a.C., quando visitou a região. Na opinião de Heródoto, os babilônicos não teriam médicos nem especialidades clínicas, sendo os doentes expostos em praça pública para que os passantes, informados da situação, pudessem ajudar com a sua própria experiência em queixas similares⁴³:

«Next in wisdom to that is this other custom which was established among them: –they bear out the sick into the market-place; for of physicians they make no use. So people come up to the sick man and give advice about his disease, if any one himself has ever suffered anything like that which the sick man has, or saw any other who had suffered it; and coming near they advise and recommend those means by which they themselves got rid of a like disease or seen some other get rid of it: and to pass by the sick man in silence is not permitted to them, nor until one has asked what disease he has.»

Conflito de interesses:

O autor declara não ter nenhum conflito de interesses relativamente ao presente artigo.

Fontes de financiamento:

Não existiram fontes externas de financiamento para a realização deste artigo.

BIBLIOGRAFIA

1. Bible History online. (<http://www.bible-history.com/>). (Acedido em 11 de maio de 2009)
2. PARPOLA S S: Letters from Assyrian and Babylonian Scholars – Part 2. State Archives of Assyria 10, Helsinki: Helsinki University Press 1993
3. SAYCE AH: The Archaeology of the Cuneiform Inscriptions. 2nd Edition. New York: ES Gorham 1908
4. KRAMER SN: From the Tablets of Sumer. Indian Hills: The Falcon's Wing Press 1956
5. KING LW: A History of Sumer and Akkad: an account of the early races of Babylonia from prehistoric times to the foundation of Babylonian monarchy. London: Chatto & Windus 1910
6. WALLIS BUDGE EA: Cuneiform Texts Babylonian Tablets &C., in the British Museum, Part XXVII (50 Plates). London: Harrison and Sons, Ltd. 1923
7. WALKER DA: The Assyrian King. Ašurbanipal II. Old Test St 1988;8:96-101
8. JASTROW M M Jr, CLAY AT: An Old Babylonian Version of the Gilgamesh Epic. Yale Oriental Series Researches, Yale University Press 1920;IV(Part III)
9. LYONS AS, PETRUCELLI RJ: Medicine: An Illustrated History. New York: Abram's 1978
10. LAESSOE J: People of Ancient Assyria (Translated from Danish by F S Leigh-Browne), Assyr Intern News Agency. Books Online (www.aina.org) 1963
11. ASCALONE E: Mesopotamia: Assyrians, Sumerians, Babylonians, (Dictionaries of Civilizations; 1). Berkeley: University of California Press 2007
12. JASTROW M M Jr: The Civilization of Babylonia and Assyria. Philadelphia and London: J B Lippincott Company 1915
13. HARRIS K: Some aspects of the centralization of the realm under Hammurapi and his successors J Am Orient Soc 1968;88:727-732
14. OLMSTEAD AT: The fall and rise of Babylon. Amer J Semit Lang Lit 1922 ;38:73-96
15. WOHL H: A note on the fall of Babylon. J Ass Near East St 1969;1:29-38
16. OPPENHEIM AL: The city of Assur in 714 B.C.J Near East St 1960;19:133-147
17. OPPENHEIM AL: Mesopotamian Medicine. Bull Hist Med 1962;36:97-108
18. SCURLOCK J: Physician, exorcist, conjurer, magician: a tale of two healing professionals. In: Mesopotamian Magic: Textual, Historical, and Interpretative Perspectives, Tzvi I, van der Toorn K (Eds). New York-Koln: Brill 199.
19. JASTROW M M Jr: Babylonian-Assyrian Birth-Omens and their Cultural Significance. Giessen: Topelmann 1914
20. FINCKE JC: The Babylonian texts of Nineveh: report on the British Museum's Ashurbanipal Library Project. Arch Orient 2003-2004;50:111-149
21. CAMPBELL THOMPSON R. Assyrian medical texts-1. Proc R Soc Med 1924;17:1-34
22. CAMPBELL THOMPSON R Assyrian medical texts-2. Proc R Soc Med 1929;19:29-78
23. KING LW (translated by): The Code of Hammurabi. The Encyclopedia Britannica 11th ed. 1910-11
24. ABUSCH T, VAN DER TOORN K. (Eds): Mesopotamian magic: textual, historical and interpretive perspectives. Groningen: Styx 2000
25. PAULISIAN R: Medicine in Ancient Assyria and Babylonia. J Ass Acad St 1991;V:3-51
26. JASTROW M M: The medicine of the Babylonians and Assyrians. (Sect Hist Med). Proc R Soc of Med 1914;7:108-176
27. STOL M: Diagnosis and therapy in Babylonian medicine. Jaarb Ex Orient Lux 1991-1992; 32:42-5
28. SCHOYEN: Collection
29. JASTROW M M: Op cit 1914; pp131-2
30. HEESSEL NP: Diagnosis, divination and disease: towards an understanding of the rationale behind the Babylonian Diagnostic Handbook. In: Magic and Rationality in Ancient Near Eastern and Graeco-Roman Medicine. Horstmanshoff HFJ, Stol M, Tilburg C (Eds). Leiden: Brill 2004;pp 97-116
31. RITTER EK: Magical Expert (=asipu) and physician (=asû), notes on two complementary professions in Babylonian medicine. Assyr St 1965;16:299-321
32. SAGGS HWF: The Greatness that was Babylon. London: Sidgwick & Jackson 1962; pp459-471 (Paulisian Op cit, p 14)
33. STOL: Op cit pp 51-2
34. HEESSEL NP: Op cit pp106 -7
35. SCURLOCK JA, ANDERSEN BR: Diagnoses in Assyrian and Babylonian Medicine, Chicago: Univ Illinois Press 2005;p115
36. JASTROW M, Op cit 1914;p133
37. SCURLOCK A: Op cit p223
38. STOL: Op cit p51

39. SCURLOCK A: Op cit p425

40. JASTROW M: Op cit 1914;p138

41. JASTROW M: Ibid pp141-2

42. GELLER MJ: Akkadian Healing Therapies in the Babylonian

Talmud (preprint). Max-Planck – Institut für Wissenschaftsgeschichte 2004

43. HERODOTUS: The History of Herodotus, translated by George Rawlinson Vol I:p197